

Nilson Filho

As coisas do mundo



propriedade da giratória
da giratória pode 
a comida.

Um grande espaço vazio, fechado
onde tudo é possível. ^{vizade}
me de onde começa a ^{o mano}
~~me~~ me reoder ^{que não}
pela necessidade da ^{repara}
este caso, a tentativa começa ^{no} ^{com}
lápis e vários traços des-
os, circulares e na mesma
retilíneos. Pensa-se em
e pronto a perla surge.
de uma em desenho de

io traço, começa pelo lado
e, é um delineamento de
ntativa, de um desenho de
ênã. Talvez aqui surja o

penhas do envelope,
e pó.

Comecem os des. rúscos circulares
numa em um desejo de somb
me vem agora em desejo d
entender ~~o~~ que está por trás
O sombreamento, com e sombreamen
sem as graduações e nasce
figura. Uma figura feita de
desviantes.

Do lado, ~~chicetto~~, outro estágio ^{che} ~~ide~~
tiva, ~~um~~ ~~nota~~ uma mago comida.".

Para além de toda descrição e desejo
compreensão, pense no que a
de chegar neste ponto. O ponto
as veias ganham vida, surgem
em um vasil ou ~~suavidade~~

“Amo
a mesa que me espera, onde tudo está disposto para me escrever
e onde não escrevo
mas sento-me bem junto, mantenho-a a meu flanco, deito-me para
trás e ponho os calcanhares em cima
para escrever em minha escrivania.
posta sobre meus joelhos.”

Francis Ponge. *A mesa.*



As coisas do mundo

Nilson Filho



À minha mãe, *Lúcia*, obrigado por me ensinar o que é amor e arte. Ao meu Pai, *Nilson*. Às minhas irmãs, *Mirian*, *Milene*, *Marília*, *Maraisa*, *Mara* e ao meu irmão *Vicente*. Agradeço por todo caminho pavimentado e por todas as lutas para que pudéssemos existir e viver sendo nós.

Ao *Gé Orthof*, meu orientador, por todo ensinamento, carinho, sutileza, e pelas palavras sempre instigantes. O que você fala sempre ecoa.

À *Gabriela de Paula* e *João Guedes*, por toda escuta atenciosa e incentivo. Ao *Leonardo Carvalho*, *Gabriella Rascovit*, *Leonara Oliveira*, *Daniela Anjos*, *Rodrigo Leibel*, *Marcela Rossiter* e *Lorrany Farias*, por todo tudo quando isso era só um sonho. Especialmente, à *Júlia Godoy*, por todo o seu apoio, paciência, conversas e incentivos constantes. Por ver em mim mais do que eu podia enxergar. Não imaginei que te pedir o resumo da aula iria resultar em nossa amizade.

Ao *Vinícius Branco*, amor, parceiro. Sou feliz pelo dia em que decidimos trocar cartas. Celebro e guardo no coração o que aprendemos juntos. Ansioso pelas próximas palavras e restaurantes que descobriremos juntos.

À *Silvia Branco*, por todo carinho e colo.

Ao Êsù e meu guias, agradeço sempre pela caminhada compartilhada.

Ao Gegé, agradeço pelo dia em que decidi te adotar e pelo ronrom matinal. Não falamos a mesma língua mas damos o nosso jeito.

Aos professores e professoras do departamento de Artes Visuais da UnB, e às colegas de orientação, *Rosa Schram, Leticia Miranda e Alina Duchrow.*

Sonhar é importante.

Resumo

Esta pesquisa se move em águas, ora afunda, ora busca ar.

As investigações desse trabalho foram elaboradas, em caminho prático-teórico, a partir de conjuntos de ensaios e poemas, implicando em devaneios sobre palavra, língua, imagem, observação de objetos e coletas, estes entendidos como fragmentos para a construção de um corpo de trabalho e pesquisa.

Os escritos de antes e de agora, o que veio antes e depois, páginas flutuantes, imagens reais e imaginadas, objetos pós-coleta em bolsos, voltas e voltas ao redor do mesmo eixo e andar a procura de algo.

Estes pontos, construídos entre 2020 e 2022, tecem a dissertação em direção a relação do artista com diferentes linguagens e o trabalho artístico.

palavras-chave

coleta, devaneio, flâneur, língua, imagem, escrita.

Abstract

This research moves through waters, sometimes sinking, sometimes seeking for air.

The investigations of this work were elaborated in a practical-theoretical path, from sets of essays and poems, implying in daydreams about the word, language, image, observation of objects and collections, these understood as fragments for the construction of a body of work and research.

The current and past writings, what came before and after, the floating pages, the real and imagined images, the post-collected objects in pockets, turns and turns around the same axis and the walk looking for something.

These issues, built between 2020 and 2022, weave the dissertation towards the artist's relationship with different languages and the artwork itself.

key-words

collect, daydreaming, flaneur, language, image, writing.

para *Lúcia Maria*,
pois as primeiras palavras foram suas.

As palavras deste livro foram perdidas,
encontradas, mapeadas.

Devaneios que partem de cadernos de anotações,
fotografias, desenhos, pinturas, coletas, língua e a
palavra para que ganhassem um corpo.
O contorno deste corpo se constrói, desconstrói
e se modifica, e se mantém em constante trânsito.

Surgem, também, através de uma lupa que observa,
Dentro e fora
Longe e perto.

Nascem junto dos objetos em que me debrucei.
Foram pensados a partir do mundo e do que nele
habita.

Palavra sem rumo

[...] Janelas podem estar abertas ou, cerradas,
fundir o espaço. Pouco. Tudo se comporta como
ameaça, indício, grade. Falta pouco. Os punhos
da camisa; os últimos fios de um sol distante,
íntimos. Uma pessoa que entra, sua conversa.
Perfura a fala, estaca entre sílabas, o medo. [...]

Tarso de Melo. *Planos de fuga.*

As palavras e as coisas me cabem
me deslocam
me dessituam

As coisas em si;
 movem v a g a r o s a m e n t e
Um campo sinuoso
O que avisto de longe
O que há perto?

Tudo se inicia em pensamento
fala palavra
 sem rumo
 encontro sem rumo

Enxergar como as mãos
e as palavras enxergam

“podemos bem nos perguntar se a expressão deve ser entendida no sentido de que aqui está se tentando escrever sobre alguma coisa - isto é no mesmo sentido em que falamos das ações do espírito e da mão - ou se o ato de escrever sobre um objeto total ou parcialmente determinado se reveste aqui no caráter de um experimento pode ser que ambos os sentidos sejam verdadeiros”

Max Bense in Marília Garcia
em “[testar o mundo]”. *Parque das ruínas*.

um espaço vazio de tamanho pré-definido levemente
rugoso;
o branco que separa e aproxima
espaço onde tudo parece possível;
o desejo de uma tentativa de fala e de pensamento

papel, lápis e um referente
vários traços
desregulados, circulares
retilíneos.

uma tentativa;
delineamento
um tema;
a pera surge
um desenho

tentativas de um desenho de pera

primeiro traço começa pelo lado esquerdo; riscos
retilíneos,
uma sombra

o desejo de ver o que está por trás;

o sombreamento,
as gradações
nasce uma figura
de riscos desviantes



a descrição

o desejo de compreensão de pensamento e de fala

o que descorre até esse ponto?

as coisas ganham vida, nascem através das mãos uma

ideia embaçada

um papel ou qualquer outra superfície

o espaço para a materialização da fala e pensamento

a palavra

o risco

se fazem com a própria matéria

Para falar com as coisas

“O impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se. Os animais “i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo” — onde poderiam eles jamais se encontrar, a não ser na voz imaterial que pronuncia sua enumeração, a não ser na página que a transcreve? Onde poderiam eles se justapor, senão no não-lugar da linguagem?”

Jorge Luis Borges in Michael Foucault.

As palavras e as coisas.

Existe um desejo de fazer as coisas falarem, ou, neste caso, de entender qual fala é possível. Devo atribuir uma linguagem a objetos, a imagens, a coisas que por si só já são? O que é essa fala? Do que se trata?

Quando penso que a linguagem, nela mesma, é uma tentativa, surge um alívio, um desvio, ou, outros jeitos para se pensar sobre as coisas.

E para falar sobre as coisas, surge esse escrito.

A barreira existe.

tento,
não chego
quase chego

nasce a fronteira
quero manter meus pés dos dois lados
estar em dois lugares
o desejo de pensar sobre algo

registro

uma linguagem da tentativa

estar no meio
estar no desvio
pensar em fronteiras existentes
criar novas fronteiras

entender o que se situa no meio

meias palavras





a linguagem depositada
em tudo
nas coisas que nos cercam
ou nas escolhidas

o que me resta
conhecer sua língua
tentar aqui
usar a própria palavra e linguagem
caminhar para o nebuloso

o que fica
o que desloca
sem nome
o que dá nome

o nome fala
silência
desvia
emudece

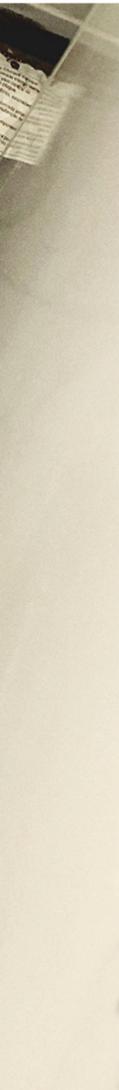
sa(ir) do/ao eixo

tudo que foge do alcance

erro

errar





Entende-se aqui errado como “que perdeu o caminho ou rumo, desgarrado”¹. Penso sobre como o pensamento desse parágrafo, e principalmente, dessa dissertação surge a partir de desvios - fruto de acontecimentos que se desdobram de produções artísticas e do fazer artístico . Do que deu errado. Do que é desviante. Do que foge da razão. Do que foge do pensamento. Do que chega quando estou nesse lugar.

no meio
no errado
no desvio

Desviar pode ser “alterar a aplicação ou destino de; desencaminhar”².

Constante fuga.

Quando a tentativa se mistura
com a prática artística

os contornos disformes que revelam.
a sombra que compõe e reforça.
um objeto e a capacidade de pensarmos sua utilidade.
a elegibilidade dessas palavras para uma tentativa de
pensamento sobre algo;
coisa.

quando penso sobre os motivos de tentarmos entender
as coisas ou mesmo, uma escolha que em certa medida
parece desregrada, pois não parece que existe algo para
ser compreendido.

a coisa está pronta, repensada, realocada. e pode ser
caminhante entre esses eixos.

se tornou uma imagem e aqui, ocorre outra
elegibilidade para além das palavras, pois nesse caso, a
descrição não dá conta.

as palavras não parecem suficientes.
a mão falha ao tentar transmitir.

parecem aqui, que pararam no meio do caminho.
talvez, o meio do caminho, acompanhado pelo
experimento, seja o próprio *algum-lugar*.

talvez seja lançar-se sobre todas as coisas.
abraçar o erro e o desvio.

As falhas e irregularidades aleatórias oferecem um
modelo de lingua-gem que dialoga com a tentativa.

existir criando
existir inventando,
nomes, palavras.

quando não existe a
palavra, a palavra
a mais tenta
as palavras
separa a
a distinção e essas
são as palavras
varias. escrevem falan
guas e tranjeitir
nem e uma portuasca
quem endereço e que
que respondem ma
dem pensa as var
fazer as var do mi
varias do mundo? as
de uma part do mu
das mãos. rep
varias maneiras de
mundo sempre presta
e no e restos das
varias rearranjar as
para lembrar.
ho. e despesa em
em ser compreend
varias do mundo
do meu passado.
varias a busca p
o desgaste do tempo
varias e passar de

imagem, existe a
uma imagem.
usar a palavra e
o que une
tação das línguas
entre as línguas em an
as que press as
no processo lin
o das repe presen
um de a há
e escrevem? as versos
língua que po
os as v. versos como
emo? como pueras as
palavras do a nota
modo escrito e despo
as versos. sistem
peber as versos, de
atenção nos versos
versos. e variação as
palavras. form a a me
re em des vers, eu tem
e falar. e des versos
chelo tenta marcar as
e falhar. me delizar
e fragmentação das
pela insuficiência das versos
e eis uma sobre as
o tempo.

**Métodos de aferição das coisas
ou a busca pelas palavras**

Mas as palavras não são as coisas em si.
as palavras são uma linguagem impregnada às coisas.
as palavras podem, também, ser geradas a partir das
coisas.

e para medir as coisas, para além das palavras e da
sua impregnação, eu olho para tudo que está contido
ao meu redor e que é fruto das elegibilidades que
fazemos dentro de um curto – ou longo – espaço de
pensamento.

Tudo que chega nesse meio tempo.
meio.

Espaço esse que é construído dia após dia, viagem após
viagem, coleta após coleta, palavra após palavra e entre
rabiscos perdidos em cadernos de anotações.

Aqui, preciso de algo maior que minha vontade de
ver, de entender, de criar, mas sim de estabelecer uma
relação onde a fruição se dê pelo prazer da experiência.
Dessa relação como uma extensão do que acontece
quando esse processo se inicia.

Como se ler uma imagem; de como habitar o campo
do ateliê; tudo se inicia no ateliê, fora dele ou começa
nele?

IN GERHARD
VETT IN
IN JERKATERINBEIN

Enumeração para ver as coisas

1. começar na imagem. 2. partilhar durante o processo. 3. usar a imagem. 4. abstrair a imagem. 5. apontar o lápis. 6. pensar sobre a imagem. 7. pegar uma folha em branco rugosa. 8. praticar a queda. 9. olhar para a folha em branco. 10. não existe ordem no processo. 11. Lembrar do percurso. 12. levantar. 13. subir a montanha. 14. experimentar um pedaço de árvore. 15. traçar uma linha. 16. esquecer o sentido. 17. pensar sobre. 18. sobre? 19. cair de novo. 20. permanecer no chão. 21. olhar ao redor. 22. olhar os fragmentos. 23. organizar. 24. precisa mesmo? 25. repetir os caminhos. 26. voltar a subir. 27. será que consigo pintar? 28. tudo está no fazer. 29. não existe ordem no processo. 30. guardar as cascas de ovo quebradas. 31. olhar o bloco de terra. 32. este bloco de terra era uma pedra há 500 anos atrás. 33. guardar os restos. 34. olhar para os restos. 35. surgem novas coisas. 36. todos os dias olho para o chão. 37. todos os dias existem coisas novas no chão. 38. de segunda a sexta o beco em que passo parece mais estreito. 39. de segunda a sexta, às 8:45 e às 17:30 vejo as mesmas pessoas. 40. de segunda

a sexta, traçamos o mesmo percurso juntos. 41. descemos em lugares diferentes. 42. as janelas de ônibus podem falar e sempre nomeiam. 43. todos os dias tento ver coisas diferentes. 44. todos os dias vejo as mesmas coisas. 45. estou intencionando o meu olhar? 46. li ou escutei em algum lugar que sempre estamos intencionando as coisas. 47. hoje eu vi um pássaro morto no chão, provavelmente um canário da terra. 48. fiz uma fotografia. 49. por ter pesquisado sobre o pássaro, aprendi que a espécie dele é “*scallis flaveola*”³. 50. se estivesse vivo, ecoaria notas agudas e curtas; se colocadas em palavras, seriam “tsip, tsi-tit, tsi, tsiti, tsi, tsi, tsiti”⁴. 51. fico me perguntando como ele morreu. 52. desenhei em uma folha de gramatura média esse mesmo pássaro. 53. passei pelo mesmo lugar e ele ainda está no chão, mas em uma posição diferente. 54. o que aconteceu? 55. um dia depois, ele não está mais lá. 56. não muito tempo atrás, um pássaro se chocou contra a porta de vidro; acho que ele não conseguiu enxergar. 57. era um sabiá laranjeira. 58. como será que eles enxergam? 59. como será

que eu enxergo? 60. eu não consegui desenhar o sabiá laranjeira.

61. duas semanas atrás passei por um parque grande e fui avisado de que tinha uma laranja podre dentro de uma casa de passarinhos. 62. tirei foto da laranja. 63. estou repetindo as mesmas coisas. 64. por que eu sempre observo as mesmas coisas? 65. a primeira foto de uma laranja podre que tirei foi no dia 12 de maio, às 15:53. 66. procurando essa data, descubro que fotografei outro pássaro morto dia 3 de junho, às 13:43. 67. nesse meio tempo, estava coletando coisas. 68. 11 de agosto, estava fotografando 68 tipos de pedras.

69. meses depois, li a seguinte frase “tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a memória chega a esquecer-se deles. E a palavra – basta uma só palavra – é flecha para sangrar o abstrato morto” e permanece comigo até hoje. 70. do que a palavra dá conta? 71. por que a palavra sangra? 72. do que a imagem dá conta?

73. no dia 5 de março, me emocionei vendo uma pintura que antes só conhecia através de livros.

74. no dia 7 de março vi uma estatueta grega pela primeira vez. 75. nesse

mesmo dia, vi um mapa desenhado em 1852. 76. até essa escrita acontecer, ainda penso que é o mapa mais bonito que já vi. 77. no dia 25 de fevereiro de 2020, vi uma pedra enorme, cheia de rachaduras no meio de um parque e eu pensei que era um mapa gigante.

78. sinto que esse mapa, mesmo que imaginado, me ofereceu um caminho

79. no dia 21 de fevereiro de 2020, vi um bloco de concreto gigante em que continha várias coisas escritas em línguas diferentes (línguas inventadas, palavras inventadas talvez?)

80. a ilegibilidade cria um novo sentido. 81. olhar sempre cria um novo sentido. 82. “löschwassereinspeisung” foi a palavra mais longa e repetitiva que eu vi. 83. “woda niezdatna do picia” foram as mais estranhas. 84. “tak” a de pronuncia mais divertida.

85. no dia 23 de fevereiro, filmei uma grande caçamba de concreto cheia de longos pedaços de madeira cortados.

86. no dia 4 de junho comprei sete fotografias antigas que descrevem situações. 87. essas fotografias são: uma mesa de cor rústica, sobre um chão feito de desenhos de losangos; uma paisagem verde, ao lado de um

rio; outra mesa, encostada em um suporte de madeira; uma mulher acariciando um animal; um homem posando em uma praia; uma ponte; uma estatueta greco-romana, e três pessoas ao lado. 88. na consolação, rua major sertório, um saco de laranjas podres se rasga e cai no chão. 89. fiz uma fotografia 90. aprendi como se faz trufa de amêndoas 91. pouco mais a frente, na rua general jardim, uma caixa de fotografias antigas. 92. no dia 10 de julho, um monte de cascalhos em formato de montanha (paisagem construída propositalmente ou o que define é a intencionalidade do olhar ou é só o jeito que o caminhão despeja os cascalhos no chão?) 93. é uma paisagem. 94. um grande pedaço de papel colado na parede e em seu conteúdo os respectivos desenhos: uma pera; uma folha de uma planta que até a escrita deste texto não sei o nome; uma laranja; uma laranja cortada; uma folha caída de árvore; 3 pedras de diferentes dimensões. 95. como falar das coisas de maneira diferente? 96. existe um jeito de falar das coisas? 97. devo classificar essas coisas? 98. a classificação organiza um pensamento artístico? 99. existe

organização no pensamento artístico?
100. *"today is the last day that I'm using words/ they've gone out/ lost their meaning/ don't function anymore"*⁶

101. em um restaurante, uma parede repleta de palavras em coreano.

102. "esperar pelas palavras até que não cheguem, até que terminem de finalmente não chegar"⁷ 103. uma peça de cerâmica moldada a mão.

104. algumas coisas que estão sobre a mesa e que me fazem companhia e que por enquanto, não devem ser nomeadas. 105. não nomear

106. um objeto estranho.

107. 18 tipos de lápis-grafite para fazer um desenho. 108. um canto de papel 109. esse canto de papel é uma paisagem 110. nessa mesma folha, pela força da mão e da escrita, marcas de palavras ilegíveis na superfície do papel.

111. algumas coisas começam com traços 112. por que desenhar um saco de papel reciclável? 113. uma luz barroca sob um diário de anotações. 114. uma fotografia de cacos de pisos espalhados pela rua.

115. um caminho preenchido por galhos de árvores 116. a ilegitimidade da língua e das palavras 117. quando não existem imagens, existe a palavra. 118. a palavra

é uma imagem. 119. a mão tenta nomear
120. músicas que foram escritas sem
palavras. 121. usar a escrita e as palavras
para ver. 122. o que une e separa.
123. torre de babel 124. a fragmentação
das línguas 125. a distância entre as
coisas 126. frutas caídas pelo chão.
127. cheiros podres. 128. uma fotografia.
129. “to the ones who came before us”⁸.
130. nasce um ensaio. 131. as palavras
que estão presas nas coisas.
132. dois livros e um caderno abertos.
133. tento escrever e a mão falha.
134. escuto que devo respeitar o
meu processo. 135. as múltiplas
possibilidades de nomeação das coisas.
136. *oranienburger straÙe*, 65.
137. escutar pessoas falando em
línguas estrangeiras. 138. repetir a
incompreensão. 139. nasce algo novo.
140. sento quase todos os dias em uma
cadeira e nada acontece.
141. uma pintura de cascas de ovos.
142. o constante barulho de água
correndo. 143. há quem endereço o
que escrevo? 144. “conversa com a
pedra”⁹ 145. as coisas que respondem
na língua que podem. 146. essa língua
nem sempre falamos. 147. Vinicius me
ensinou a fazer gravura. 148. a imagem

na gravura deve ser pensada ao inverso.
149. pensar as coisas ao inverso.
150. como fazer as coisas do mundo?
151. como perceber as coisas do mundo?
152. as palavras dão conta de uma parte
do mundo. 153. pequenos pedaços de
história grega colocados em um grande
salão. 154. desenhar sem o auxílio
de uma borracha. 155. usar os meios
disponí-veis. 156. escutar o desejo
das mãos 157. o poder de dar nome as
coisas. 158. todas as coisas vivas sob os
nossos olhos 159. prestar atenção nas
coisas do mundo com as mãos.
160. a extensão dos sentidos.
161. repensar as coisas.
162. sou estrangeiro na minha língua?
163. existem várias maneiras de perceber
as coisas do mundo. 164. a repetição
como método. 165. a descrição exaustiva
como método. 166. olhar como quem
devora uma comida. 167. escrever como
quem devora uma comida.
168. emendar as coisas. 169. quebrar de
propósito um prato e falhar ao tentar
consertar. 170. sempre prestar atenção
nos cacos e nos restos das coisas.
171. rearranjar as coisas. 172. rearranjar
as palavras. 173. dois anos depois, ainda
olho todos os dias para os sessenta e

oito tipos de pedras. 174. escute com atenção os mapas 175. forçar a memória para lembrar. 176. se eu descrevo, lembro. 177. lembrar é uma ficção? 178. a memória é uma ficção? 179. o desespero em falar. 180. o desespero em ser compreendido. 181. tentar abraçar as coisas do mundo e falhar. 182. me desligar do meu passado. 183. olhar com atenção para o futuro. 184. a fragmentação das coisas. 185. a busca pela unificação das coisas. 186. tentar e não conseguir. 187. falhar. 188. desenhos, folhas escritas, fotografias, folhas secas coladas na parede. 189. fotografias guardadas dentro de um caderno de anotações. 190. as coisas quem acumulam poeira. 191. as coisas que desenhavam para um fim. 192. o desgaste do tempo e uso sobre as coisas. 193. o passar do tempo. 195. o branco entre as colagens. 196. o branco que une e ao mesmo tempo separa. 197. o branco que está no meio das coisas. 198. fragmentação da língua/palavra/coisa. 199. remendo como aproximação da língua/palavra/coisa. 200. destruir e amassar a imagem. 201. redescobrir a materialidade da imagem. 202. reconstruir a imagem.

203. reconstruir a materialidade. 204. refragmentar de outra maneira. 205. coisas que desaparecem. 206. coisas que possuem uma linguagem própria. 207. quem tirou essas fotos que eu comprei em um antiquário? 208. qual era o contexto? 209. palavras jogadas ao vento. 210. coisas que somem sem deixar vestígios.

E todas essas coisas se distanciam pelo tempo, por uma não-cronologia, e se aproximam pelas palavras. se no- meiam e constroem pelas palavras e páginas em branco, posteriormente, preenchidas. Ganham vizinhanças e relações são estabelecidas.

Ao escrever aqui, manifestando por meio de palavras, atribuímos que a linguagem constrói, cria e recria a nossa experiência junto do e ao mundo – este em que as oportunidades são sempre ofertadas e conspiram ao nosso favor, sempre – e também a partir dele e ao nomear, atribuímos ao mesmo a tentativa destes modos.

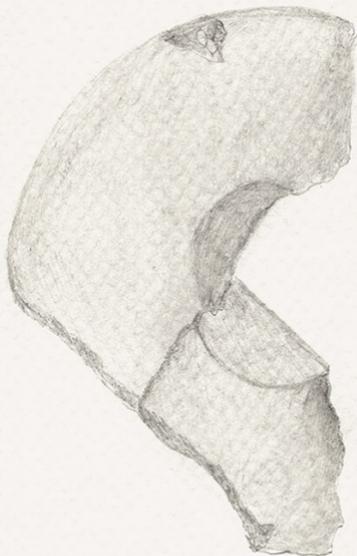
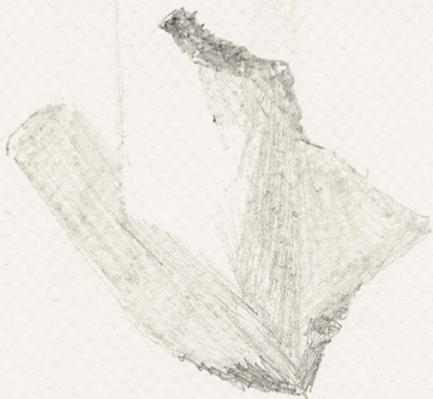
Estamos sempre tentando dizer alguma coisa, nomear algo.

“a coisa é tomada pela palavra que a nomeia, conta- minada ou enriquecida por toda a linhagem e todas as conotações e todos os preconceitos que aquela palavra traz em sua esteira.”

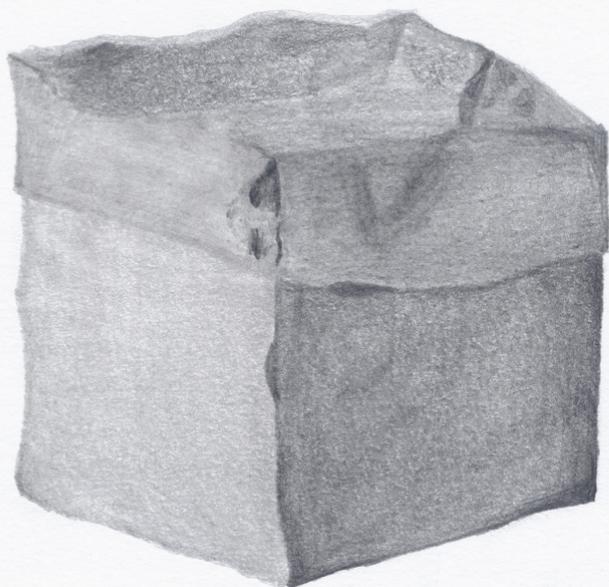
Alberto Manguel. *Musa da impossibilidade*.











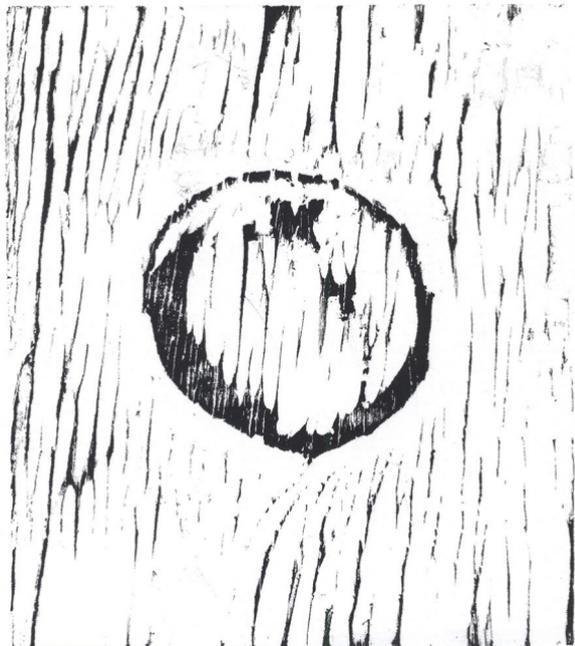












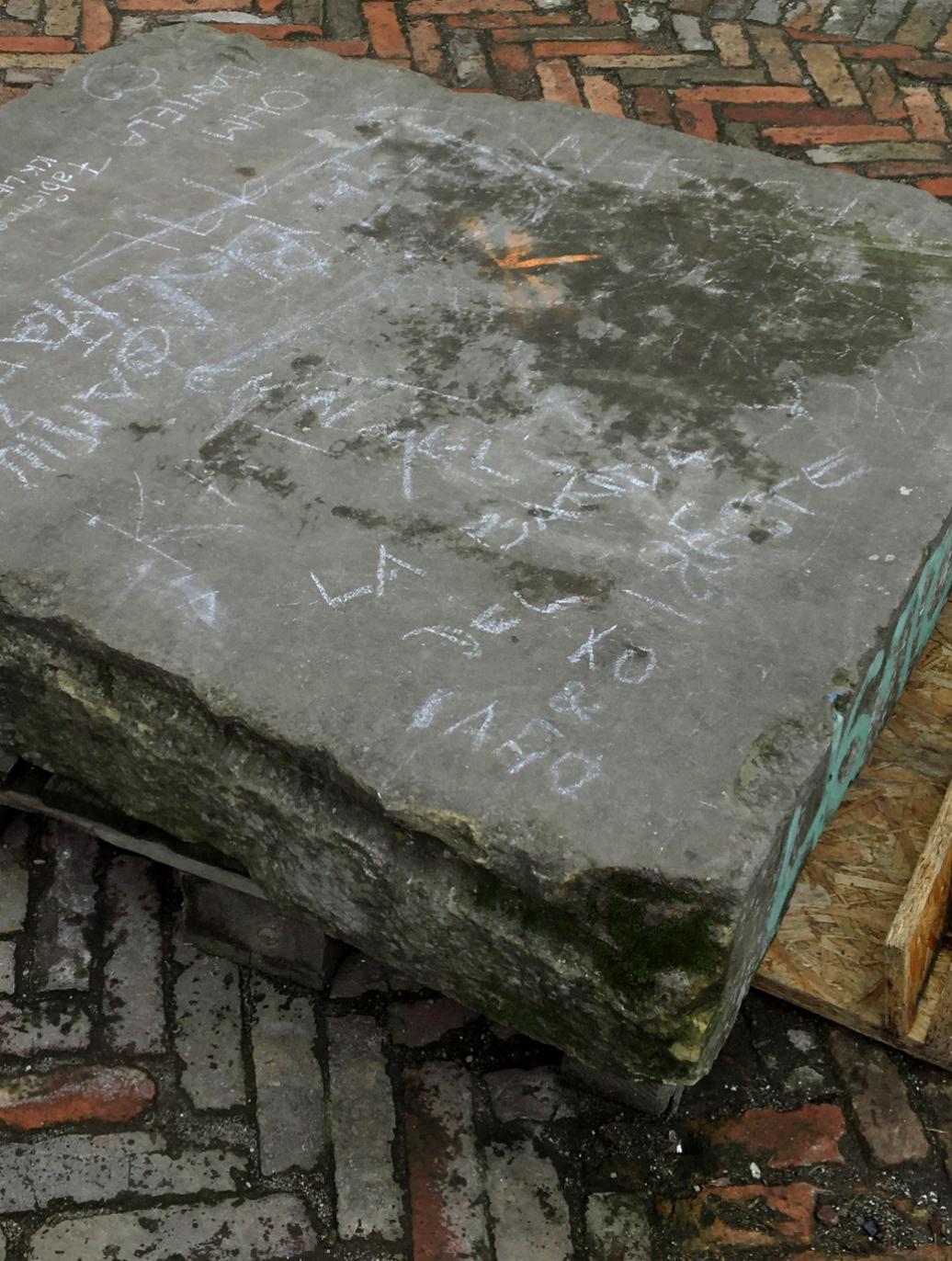
TANGE KIVA











OHIA
LAMELA
TODAY

10/15
10/16

10/17
10/18
10/19

10/20
10/21

LA
KO
10/22
10/23

矣

如노르為獐。남為猿。口如모為而。緩舌之。ㄱ。唇之。口。齒

臂。발為蜂。口如파為慈。골為蠅。口。喉之。○○其緩急相對。亦

木。卜如如을為水。발。슴為跟。그。릭為鷹。드終則宜於平上去全清。次清

為匣。자。레為汲器。！如기為巢。밀為蠟。피之字。其聲為厲。故用於終則

意。자。을為稷。기為箕。！如는為水。田。음為入。所以○○○○△六字

上去聲之終。而餘皆為入聲

也。然。ㄱ。○○。ㄴ。ㄷ。○○。△。八

之用也。如빛。ㅈ。為梨。夜。영。△의

孤皮。而入字可以通用。故只

字。且○聲淡而虛。不心用於

具。字三字合用。如諺語과。為琴

云。為炬之類。終聲二字三字合

文。諺語고。為土。낙。為釣。ㅈ。ㅈ。ㅈ。為

無之類。其合用並書自左而右。

致。終三聲皆同。文與諺雜用則

云。字音而補以中終聲者。如孔

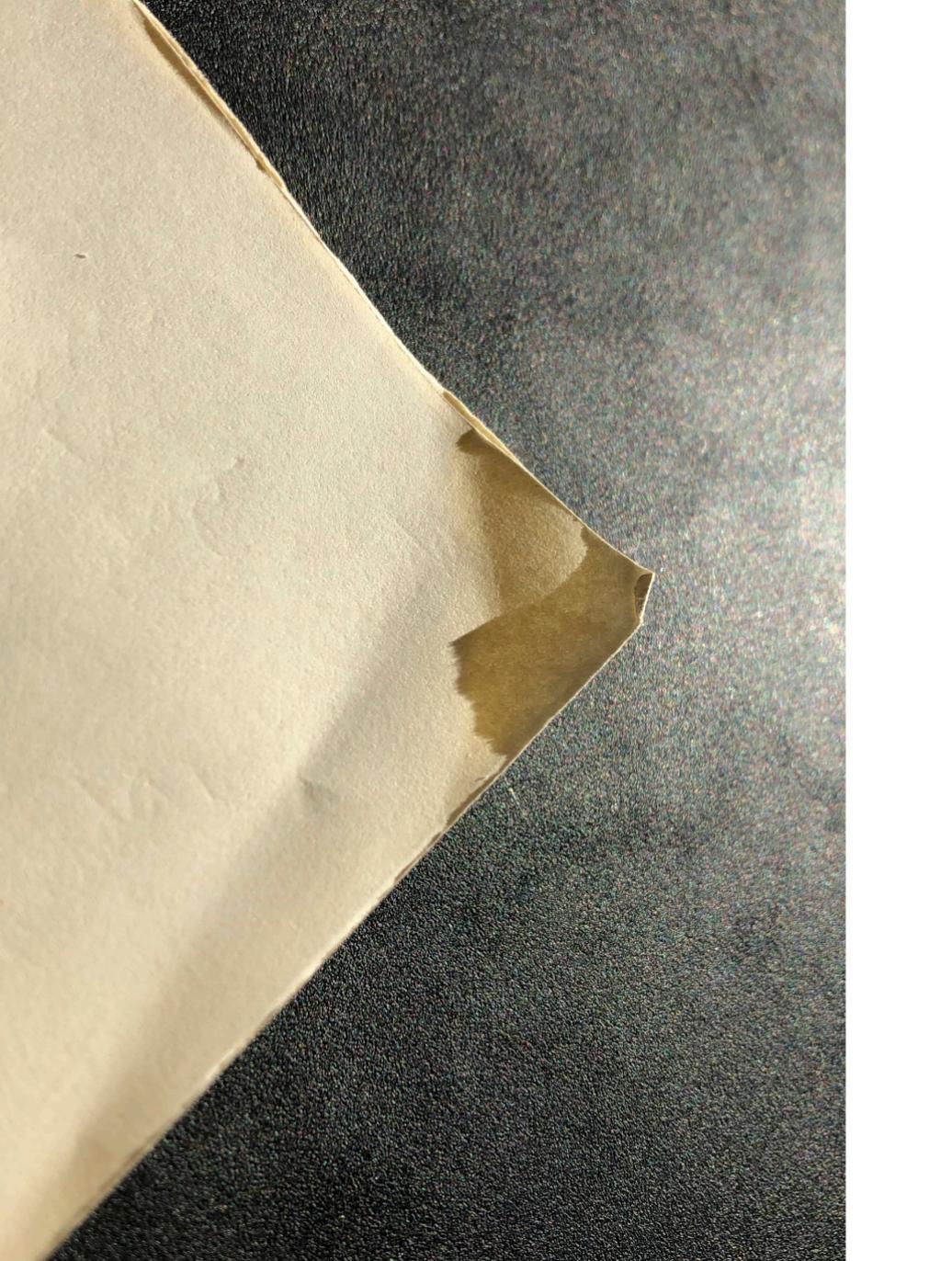
點。魯。ㅈ。ㅈ。ㅈ。之類。諺語平上去

也。할。為弓。而其聲平。돌。為石。而



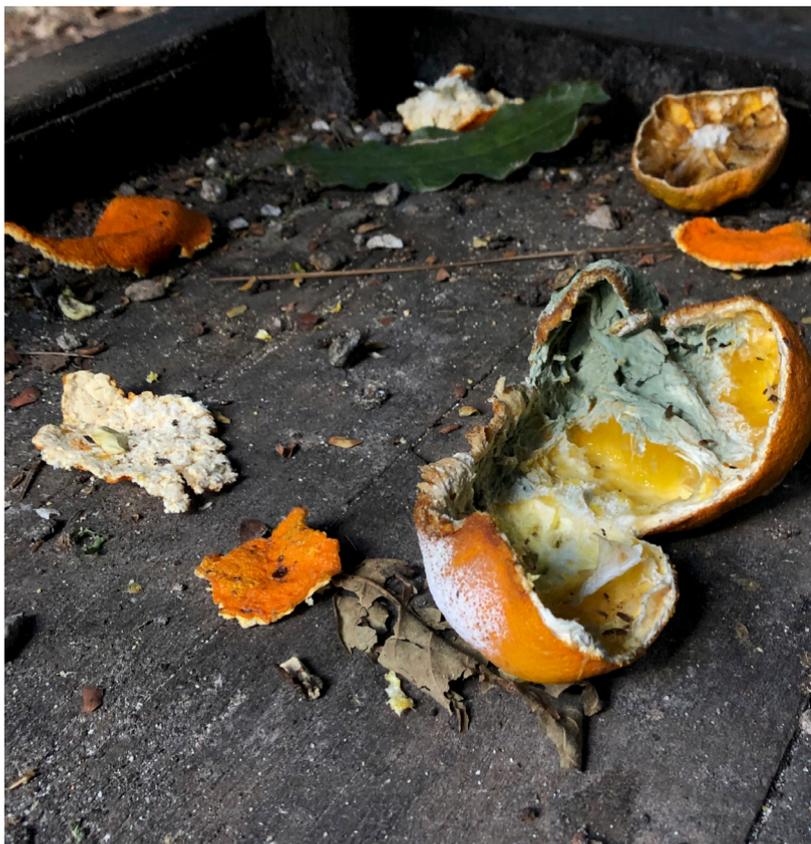




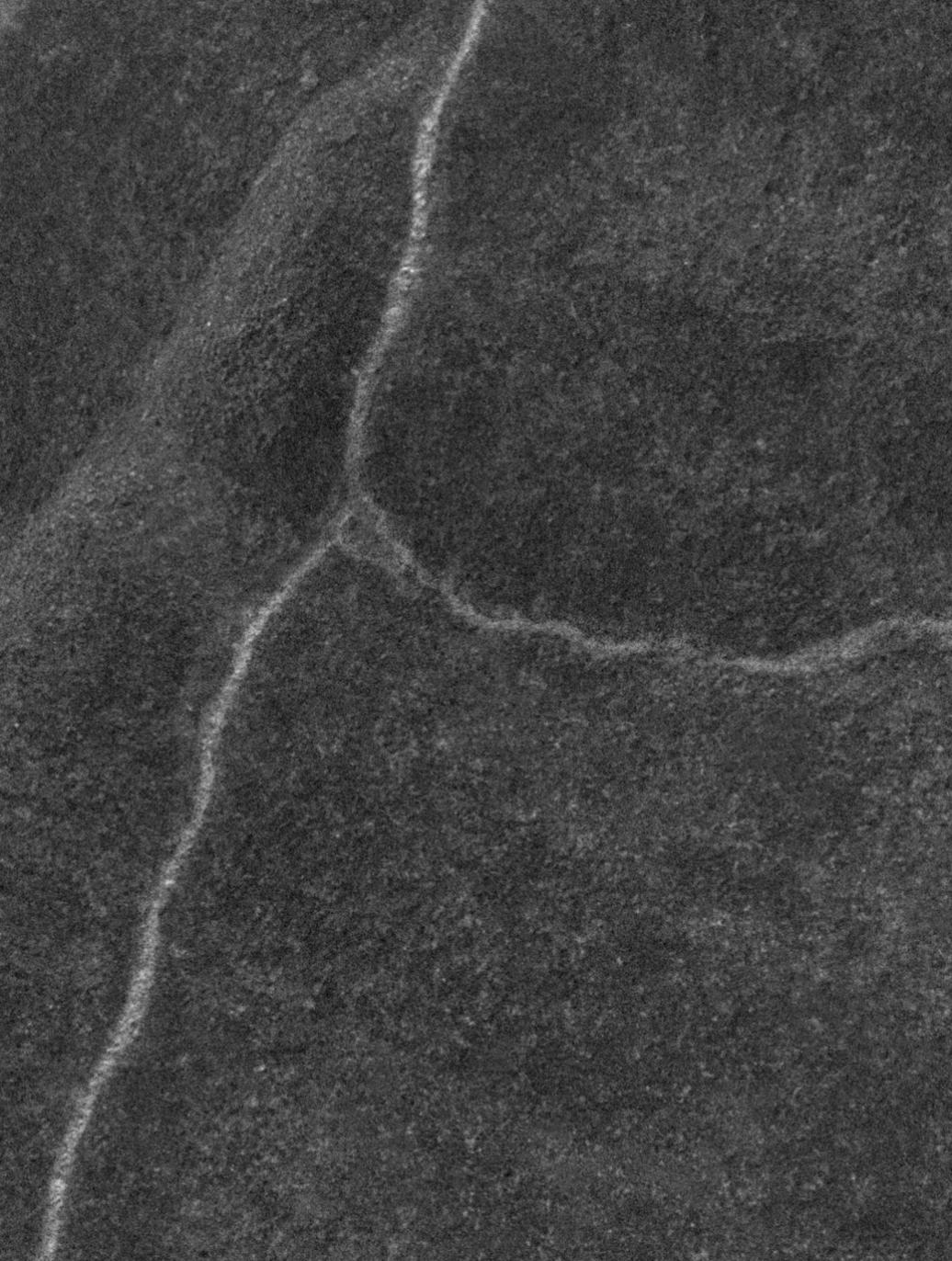








Onde passei



caminho cruzado, pedra gigante
casa de pedra
caminho incessante

Notas para as coisas caídas





Todos os dias ao passar pela porta, enunciadas, estão as frutas caídas no chão. Aqui as estações parecem desaparecidas pois pouco se muda no cenário. As mesmas coisas caídas no chão.

Agora pouco, ao sair para buscar um ar mais fresco – está muito quente, agora marca vinte e nove graus e a umidade está pouca, 35% - pisei, sem querer, em um limão-cravo apodrecido. Instantaneamente, o cheiro forte tomou conta.

Esse cheiro me trouxe memórias do quintal da casa de minha avó. Não exatamente pelo limão-cravo e seu forte cheiro - denunciade que os dias e os minutos passam - mas por todas as frutas que ficavam caídas e apodrecidas pelo grande quintal. Tinham, também, várias outras frutas das quais eu não me recordo, mas lembro-me de ficar curioso e pensar sobre esse espaço mágico que existia. Eu ganhava, além da experiência com o local, pernas arranhadas e picadas de formigas pelos pés.

Estava, quase sempre, de pé descalço. Existia uma grande mangueira, onde eu, às vezes, brincava e em algumas situações, até pegava um grande pedaço de pau para derrubar uma manga.

E enquanto escrevo, lembro-me que hoje, enquanto estava dentro do ônibus, olhando pela janela, vi uma manga cortada em um grande campo de grama. Fico me perguntando o porque dessa manga estar cortada do jeito que estava. Era um corte específico e quando se pensa em como comer uma manga, outros traçariam um caminho inverso a essa escolha.

Fui levado a outros lugares, espaços e memórias.

E me fez pensar sobre as coisas da vida e as escolhas que fazemos enquanto vivemos e como enxergamos as coisas.

Você deve estar se perguntando aonde pretendo chegar com este breve ensaio. Me faço a mesma pergunta, mas sinto que preciso escrever sobre isso.

*As palavras se
distanciam das coisas*

até onde as palavras
chegam
esclarecerem
confundem
criam outro sentido
dificultam
até onde?

nome
para
fragmei

no IV
em
im com
de vos

Quando o que sobra fala



As palavras tentam chegar em algum lugar. Ficam no meio do caminho e assim pretendem. Firmam um desejo pelo processual. Estão no meio. Começam pelo meio.

Existem e afirmam uma lógica inversa essa lógica inversa, presente em parte prática dessa dissertação, pretende subverter um modo de entendimento e processamento do próprio pensamento e fazer artístico.

O pensamento artístico, por vezes, funciona como uma língua, dá nome, cria estabelece, mas ao mesmo tempo desloca, pois, a língua não é fixa.

Não somente o que a língua fala, mas onde fala.

Essa brecha da língua leva a outro caminho. Preciso lembrar até onde a língua alcança.

Oferenda para as coisas

pedras, desenhos, palavras, plantas, alimentos, folhas,
esse escrito e todas as coisas que são passíveis de
escolha e acolhimento.

que podem dizer e que existem neste mundo e em um
outro plano. que podem falar e serem ofertadas.
que podem criar conexões que só existem neste espaço
construído pelo desejo de conexão e entendimento
sobre algo.

As palavras e a língua não são o único instrumento
que dispomos para que criemos e aprendamos sobre o
mundo e o que existe nele.

antes da palavra e da fala, existe o gesto e o que é
criado a partir dele.
gesto fala em outra língua.
uma língua não dita, sem uso da voz,
e compreensível a partir de outro tipo de conexão.



Breve exercício de escrita

(se a gente começa a escrever
e nomear o que acontece
será que consegue fazer as coisas
existirem de outro modo?)

Marília Garcia. Parque das ruínas.

Escrevo o que me vem à cabeça agora. Estou olhando para o teclado. Não quero olhar para a tela pois vou ficar medindo e avaliando o que eu escrevi até agora. O meu papel de parede do computador é uma imagem salva de um site de domínio público. Essa imagem é uma folha de um livro muito antigo, contendo um texto e o seu título é “*Japan*” e possui texto em língua inglesa. Como a janela do programa de escrita não está sendo usada em tela cheia, eu consigo ver parte do papel de parede e assim está escrito: “*be easily effaced. is, indeed, no...*” e o restante eu não consigo ver agora.

Sobre a mesa - lembrei de um livro que se chama “A Mesa”, de Francis Ponge, que uma querida amiga me emprestou e até agora eu não li o capítulo que desejava - estão dois cadernos de anotações mais antigos, dois livros, um fone de ouvido e um estojo. Esqueci de mencionar que antes de começar esse capítulo, eu estava escutando uma música e fiquei irritado pois a conexão entre o fone de ouvido e o computador falhava e eu não estava conseguindo entender o que ela cantava. Isso é interessante pois parte

dessa dissertação se desenvolve através de falhas na compreensão da língua e da fala. Na verdade, com frequência, tenho pesquisado cada vez mais músicas em línguas em que não entendo absolutamente nada.

Agora, depois de pensar isso, conectei novamente o fone de ouvido e felizmente esse problema se resolveu. Mas o problema da língua e da compreensão não se resolve tão fácil assim. Existe solução para isso? Cada vez mais penso que na verdade o poder da língua reside na sua dificuldade. *Francis Ponge*, em “*Métodos*” escreveu assim: “vocês sabem que o que me sustenta ou me empurra, me obriga a escrever, é a emoção provocada pelo mutismo das coisas que nos cercam.”

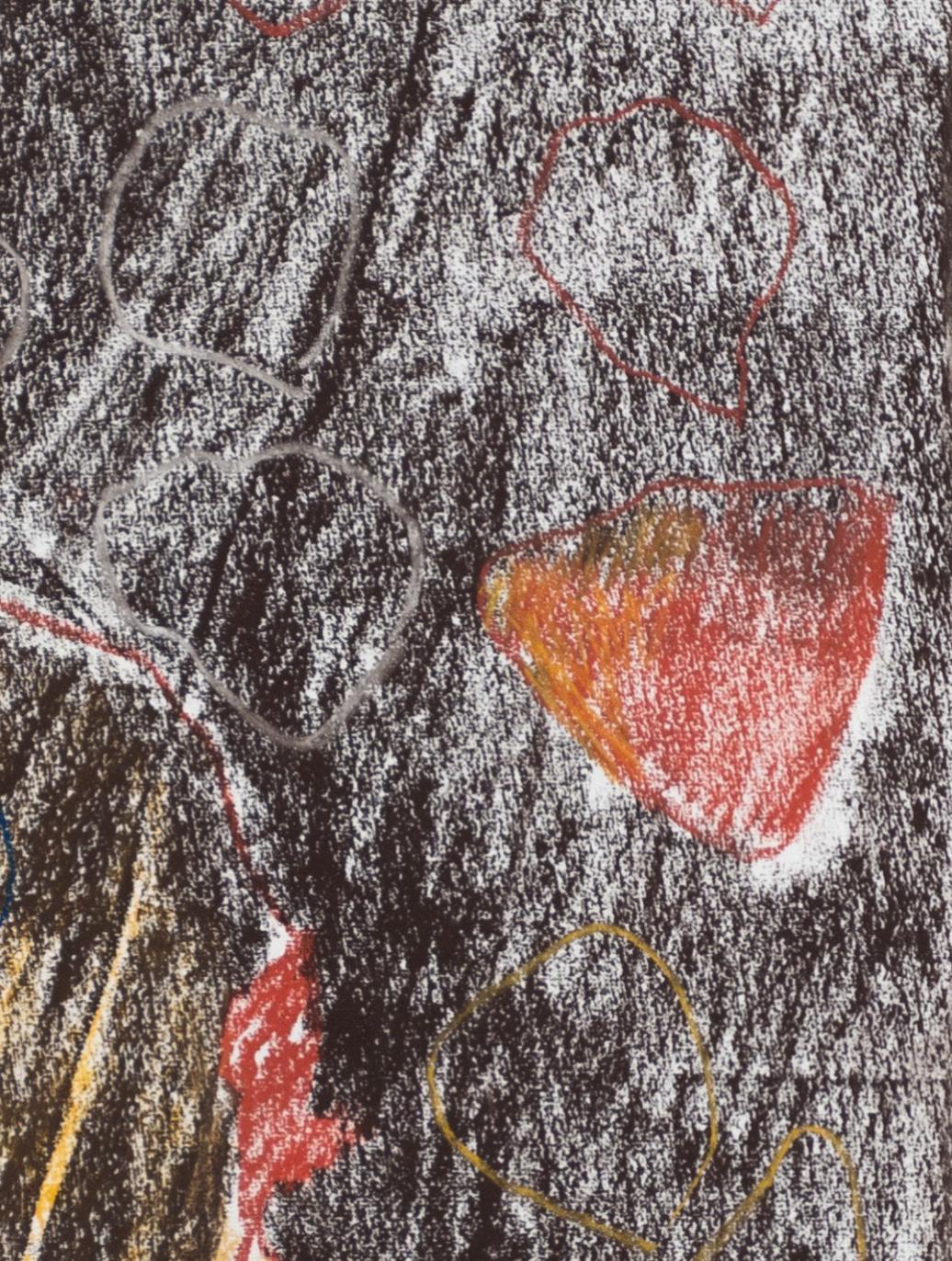
O que me obriga a escrever é o desejo de lidar com a incompreensão.

A página para unir esses acontecimentos.

O todo

“a linguagem confere à perpetua ruptura do tempo e a continuidade do espaço, e é na medida em que analisa, articula e recorta a representação, que ela tem o poder de ligar através do tempo o conhecimento das coisas.”

Michael Foucault. *As palavras e as coisas*.



a imagem pela palavra
a palavra pela letra
a letra pela rocha
a rocha pelo seu fragmento
o vento pelo que ele traz
o que ele traz pela coisa
a coisa por si mesma

Espero

“Dobra a língua
e ao desdobra-lá
deixar cair
uma a uma
palavras
não ditas”

Ana Martins Marques. *O livro das semelhanças.*

Desesperadamente, grito e espero pelas palavras.
Seis meses se passaram e penso que não existe mais nada a ser dito. Olho para meus cadernos de anotação, ainda no passado, e procuro pelo que dizer. Tudo parece repetitivo e esgotado.

Tento buscar por um som, uma imagem, o que me parecer possível.

É desnecessário escrever que espero pelas palavras. Elas estão aqui, não nessa página, mas em tudo.
Mas é necessário o desespero.

O desespero me obriga a buscar pelas palavras.

Devolver o lugar às coisas

Há 3 semanas, um conjunto de pratos se quebrou. Estavam sendo limpos, e por acidente, caíram no chão. Eu pedi que fossem guardados.

Junto com esses novos que acabaram de quebrar, possuo mais alguns. Coleciono objetos fraturados. Gosto da forma com que neles e partir deles, o mundo se mostra possível. Fiz pinturas, desenhos e fotografias de coisas quebradas. E nesse aspecto, estou tentando dar um lugar a elas.

Um destes pratos, transformados em fragmentos; cerâmica verde clara e cheia de pequenos pontos. Carregam neles, assim como os outros, pequenos indícios.

Marcas de tempo e uso.



Mecânica da página

O que cresce dali e a partir dali.

O que pode ser desenhado, pintado e escrito só pode ser feito nessa página. Ela é o motivo, para e a partir dela. Aqui é onde o início, longas pausas – nas quais o desespero aparece - e fins se dão.

Seis meses a minha espera; escrevo um A, uma nova pausa surge; esse A se transforma em W, e dessa letra parto para várias outras. Forma e cursiva; opto pela cursiva pelo movimento e pela confusão – minha letra cursiva é confusa - não desejo chegar a definição da palavra. O que me interessa agora é viver o outro lado, a confusão.

Esse espaço comum, a folha, espaço do possível, do arruinado, do conforto e desespero é arruinado. Quero lapidar, me tomar dela, fazer dela mais minha.

Me surge a imagem de uma rocha se despedaçando. Olho e vejo todos os seus pedaços se fragmentando aos poucos. Nessa imagem vejo a ampliação e o alongamento do tempo e espaço. Dela, cada fragmento preso ao destino (esse controlado pelo acaso e o vento) e ao nome.

Preciso pensar na página, em sua dimensão, sua textura, ou a falta dela para poder expandir e nomear, usando de linguagens que me são possíveis.

Breve relato de viagem

o relógio pontua 11:53
rue des ursins
um diário durante a viagem
escrever para ver

quatro dias se passaram
eu havia recém chegado na cidade todas as
possibilidades do lugar na verdade,
eu estava assustado
pois finalmente estava lá

passos desesperados
por todos os lugares que podia
eu queria ver tudo
eu queria sentir tudo

fotografias,
das quais até hoje não revelei o filme
palavras,
das quais até hoje não escrevi

bancos,
localizados nas travessas
caderno,
essas são as únicas palavras

PARIS

17 fevereiro - RUE DES VRSINS, S, 11:53

Duas crianças andam com sua mãe.

AVIA DE LA WREST

Breve viagem

“Sempre acabo tomando o caminho errado
que falta me faz um mapa
que me levasse pela mão”

Ana Martins Marques. *O livro das semelhanças.*

resgatar as páginas
lembrar dos rasgos, coletas, imagens e pedras;
fazer a viagem

é preciso fazer a travessia para entender as
distâncias

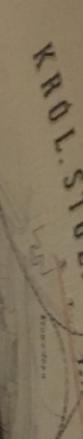
traçar as distâncias
traçar a imagem
traçar o desenho

encontrar uma língua
coletar palavras

*“Οὐκοῦν τρισχίλιοι μὲν ἦσαν ἀπὸ γῆε στόδιοι μέχρι
τούντεῦθενδὲ ἐπὶ πεντακόσια τὸ δεπολιν τὴν οἰαρόιαρο
rojaró pejaró che renoi pa nde maenduá preto somz mojej radosti
i vám pri- nedokonalé! vieš, kto býva krom najvyššej niesla.“ jol je
vella ce, na to moram odgovortivo”, dizem os coletores.*

inventar uma nova língua através da fala
quantas línguas posso inventar?
“eu invento até onde consigo”, sussurro de um falante
“você precisa construir um sentido”
outro sussurro, dessa vez da minha cabeça

PIAN
KRÓL. STOL. MIASTA
KRAKOWA.



penduradas na parede
as respostas que procuro
como mapear as coisas do mundo?

uma imagem de alto relevo
pássaros são pintados em tons de amarelo
e o céu,
levemente esverdeado, é marcado por linhas que
denunciam o tempo

a superfície está trincada
fragmentada
a mesa em que escrevo, guardo outros fragmentos
um pedaço de terra que existe há 500 anos, cacos
de um pires quebrado, pedaços de papel rasgado,
cascas de ovos quebradas, partes de um desenho e um
conjunto de fotos de pedras



ul. Chłopskiego

3
UL. CHŁOPICKIEGO

80

50

BIEKT & PROK
CNT
tel. 22 3 15 1

10051

[pedra - bloco de terra - vento
ser rígado - ser passagem - ser barulho - ser viajante]

algumas coisas só são lembradas
em estágios de pó
partículas soltas

o pó está em todos os lugares
deseja ser todos os lugares
o pó é também caminhada
não tem moradia



agora, estou em uma pequena cidade no sul do país
cidade imigrante
cercada por árvores, terra e montes
o frio faz a coberta de neblina

a cidade se isola
o que resta para ver é nas entrelinhas aqui outra
fronteira
a visão

um terreno íngreme
convite para conhecer o solo, as árvores e o espaço
durante a caminhada, cuja função era coleta de terra
para um plantio, ocorre um experimento
um pedaço de árvore para comer
o gosto é amargo

penso novamente sobre novos mapas sendo criados

a relação aqui se dá por experimento
uma *caminhada-experimento*





olho para uma pedra
em qual instância a memória se instala?

linhas disformes

o bloco de terra
em detalhe parece ser preenchido por pequenas
crateras
que antes eram preenchidas pelo que virou pó
resto de terra

sempre penso no resto das coisas
no percurso
no que aconteceu antes

em ampla visão desenhos de montanhas
essas montanhas parecem guiar para um caminho
que parece acabar em si mesmo

o bloco de terra tem um limite
um *limite-mundo*





14:37

um pássaro acabou de se chocar
contra a porta de vidro

outro *limite-mundo*

penso em como as visões de mundo se divergem
como esse pássaro enxerga?

e,
como posso praticar a queda?

escrevo sobre as mesmas coisas
penso sobre as mesmas coisas
observo as mesmas coisas

o sentido está na *repetição*?

repito para lembrar

leio cadernos de anotações buscando respostas



O envelope

Uma gaveta.

Um envelope.

Lugar onde se guarda.

Lugar onde se perde.

Dentro dele guardo fotografias, objetos quebrados,
tíquetes de metro, marca-livros, cartões postais, restos
de terra, comprovantes de compras, folhetos
de livrarias e museus.

Qual o tamanho do meu envelope?

É possível medir esse lugar?

Descrever a experiência

essa página
com uma linha
separo dois mundos

um pássaro
enganado por sua própria visão
se choca contra a porta de vidro

“Rock Drawings” de Richard Long
as visões de mundo se divergem
esse mesmo pássaro, em que não se sabe como enxerga
confia com toda sua inteligência no olhar
separo dois mundos
separo as linhas

Um poquena poema

paisagem que se ordena
vista acolhida pelo vento
e,
eco visual

vazio
escuro como abrigo
tomo a posição de presença
é preciso ecoar o espaço

Citações

1. Cf. <https://www.dicio.com.br/errado/>
2. Cf. <https://www.dicio.com.br/desviar/>
3. Cf. <http://www.wikiaves.com.br/wiki/canario-da-terra>
4. idem.
5. QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Vermelho Amargo. Global Editora. 2017.
6. Trecho de “Bedtime Story”, interpretado por Madonna.
7. MARQUES, Ana Martins; Siscar, Marcos. Duas Janelas 1ª ed. São Paulo: Luna Parque, 2016. pg.8.
8. Trecho de “The Fallen Fruit”, interpretada por Lorde.
9. “Conversa com a pedra” é um poema de Wisława Szymborska. Disponível em: https://poczja.org/wz/Szymborska_Wisława/2019/Conversa_com_a_pedra.
10. “Rock Drawings” é uma obra de Richard Long, artista landart, produzida em 1994.

Lista de imagens

1. Diário de anotações. Fotografia digital. 2021.
2. Escrivanhinha. Fotografia apropriada. 2021.
3. Mesa. Fotografia apropriada. 2021.
4. Para entender a falha. Fotografia digital. 2021.
5. Diário de anotações II. Fotografia digital. 2021.
6. Nevoeiro ou a fala do tempo. Fotografia digital. 2021.
7. Laranjas caídas. Fotografia digital. 2021.
8. Remendar para entender. Colagem e fotografia digital. 2021.
9. Bloco de escritos. Fotografia analógica. 2020.
10. Para aprender a desenhar uma pera e uma maçã. Grafite sobre papel. 2021.
11. Para aprender a desenhar uma laranja. Grafite sobre papel. 2021.
12. Desenho dos restos. Grafite sobre papel. 2021.
13. Desenho das coletas. Grafite sobre papel. 2021.
14. Para aprender a desenhar uma embalagem. Grafite sobre papel. 2020.
15. Bloco de escritos II. Grafite sobre papel. 2020.
16. A morte do canário da terra e os restos. Grafite sobre papel. 2021.

17. A morte do canário da terra e os restos II. Grafite sobre papel. 2021.
18. Mapa de pedra. Fotografia analógica. 2020.
19. Mapa de pedra II. Grafite sobre papel. 2021.
20. Tangerina. Xilogravura sobre papel. 2021.
21. Como aprender a falar sobre pedras. Grafite sobre papel. 2020.
22. Cascas de ovo. Acrílica sobre tela. 2020.
23. Laranja podre. Acrílica sobre tela. 2019.
24. A semelhança da forma e do tempo. Fotografia digital. 2021.
25. A semelhança da forma e do tempo II. Fotografia analógica. 2021.
26. Bloco de pedra e escritos. Fotografia digital. 2020.
27. Sem título. Fotografia digital. 2021.
28. A semelhança da forma e do tempo III. Fotografia digital. 2021.
29. A semelhança da forma e do tempo IIII. Fotografia analógica. 2021.
30. Canto de paisagem. Fotografia digital. 2021.
31. Paisagem de cascalho. Fotografia digital. 2021.
32. A passagem do tempo. Fotografia digital. 2018.
33. A passagem do tempo II. Fotografia digital. 2021.
34. Mapa de pedra III. Fotografia analógica. 2020.

35. The fallen fruit. Fotografia digital. 2021.
36. O que reside na rachadura da escrita. Colagem. 2021.
37. Sem título. Fotografia digital. 2021.
38. Restos da oferenda. Fotografia analógica. 2021.
39. O todo. Desenho sobre papel. 2022.
40. Caça-palavras. Grafite sobre papel. 2022.
41. Restos do prato. Fotografia analógica. 2022.
42. Sem título. Fotografia digital. 2021.
43. Sem título. Fotografia digital. 2022.
44. Sem título. Fotografia digital. 2022.
45. Sem título. Fotografia digital. 2022.
46. Pedra. Fotografia digital. 2022.
47. Sem título. Fotografia digital. 2022.

Bibliografia

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BENJAMIM, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem In: Escritos sobre Mito e Linguagem. 2a ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34. 2013, p. 49 - 74.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir in: O livro por vir. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 327-243.

FOCILLION, Henrique. Elogio da mão. Serrote, São Paulo, n. 6, p. 7 - 29, novembro, 2010.

FOSTER, Hal. O artista como etnógrafo In: O retorno do real: A vanguarda no final do século XX. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 159-185.

FOUCAULT, Michael. A prosa do mundo In: As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 23 - 59.

JAFFE, Noemi. Sustos Lentos. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2015.

GARCIA, Marília. Câmera Lenta. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

-----, Marília. Parque das Ruínas. 2a ed. São Paulo: Luna Parque. 2018.

MANGUEL, Alberto. A Musa da Impossibilidade. Serrote, São Paulo, n 6, p. 33 - 47, novembro, 2010.

MARQUES, Ana Martins. A vida submarina. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

-----, Ana Martins. Risque esta palavra. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

-----, Ana Martins; Siscar, Marcos. Duas Janelas 1a ed. São Paulo: Luna Parque, 2016.

MELO, Tarso de. Pontos de fuga e outros poemas. São Paulo: Cosac Naify, 2005

MOLLOY, Sylvia. Viver entre línguas; traduzido por Julia Tomasini, Mariana Sanchez. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

MOREAU, Filipe Eduardo. A Laranja Original: Poesias. Sem dados da editora e ano de publicação.

PONGE, Francis. A mesa In: A mesa. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005, p. 173 - 307.

PONGE, Francis. Tentativa Oral In: Métodos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 89 – 123.

RIBEIRO, Julio Ramón. A tentação do fracasso. Serrote, São Paulo, n. 23, p. 130-164, julho, 2016.

SZYMBORSKA, Wisława. Correio literário - ou - como se tornar (ou não) um escritor. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.

Músicas

LORDE. The Fallen Fruit. Nova Zelândia: Universal Music, 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/album/1lDMJQcBCttCro-FPkNHtN7?si=XMtO7O72TOKQUcHCpvVKpA&dl_branch=1. Acesso em 30 set. 2021.

MADONNA. Bedtime Story. Estados Unidos: Sire Records Company, 1994. Disponível em: https://open.spotify.com/album/1saoZHjleMotAQQoCvpMrB?si=iuK-JwDXQSYOBldfWYHph7g&dl_branch=1. Acesso em 30 de set. 2021.

Podcast

KRISHNAMURTI. O processo de ilusão criado pelas palavras. [S. l.]: J. Krishnamurti. 25 de ago. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4MRmReNMKXBLw3VJW6rcsU?-si=ZZv69Zy-QqSiLTIV9sPm4A&dl_branch=1. Acesso em 30 de set. 2021.

© 2022 Nilson Pereira da Silva Filho

“*As coisas do mundo*” é apresentado como Dissertação de mestrado ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade de Brasília (UnB).

Linha de pesquisa Deslocamentos e Espacialidades
Orientador Prof. Dr. Geraldo Orthof

Texto e imagens Nilson Filho

Capa Nilson Filho

Projeto gráfico Nilson Filho & Vinícius Branco

Revisão Júlia Godoy

Este livro foi composto em Cormorant Garamond, miolo impresso em papel Seville Row Plain 100g/m², capa em papel Roma 240g/m² e encadernado manualmente no inverno de 2022.

